



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

Peregrinação de Fevereiro, 13

Dia lindo e aprazível, apesar da aragem um pouco fria que soprava, foi o domingo, 13 de Fevereiro último. O sol brilhava no fir-

mamento limpo de nuvens, inundando as povoações e os campos da Serra de ondas de luz e de cor. Enfim, dia de inverno que parecia antes dia de Primavera, dos mais belos e mais esplêndidos da estação privilegiada das aves canoras que delicias os ouvidos e das flores garridas que encantam a vista.

Dia do Senhor, dia de preceito, dia de descanso das lides rurais, era já de supor que a afluência de peregrinos, impelidos pela de-

voção e atraídos pela amenidade do tempo, excedesse, em larga escala, a média dos dias 13 do ciclo do inverno. E, com efeito, houve quem tivesse a impressão de que assistia a uma das grandes romagens da quadra estival, tão elevado foi o número de fiéis que se reuniram na Cova da Iria para assistir aos actos oficiais comemorativos das aparições e dos sucessos maravilhosos de 1917.

A maior parte da gente, porém, pertencia aos diversos lugares da

freguesia da Fátima e das outras freguesias mais próximas, sendo poucos os romeiros de terras distantes.

As confissões foram bastante numerosas. Os sacerdotes, em geral, por ser Domingo, dia de Missa de obrigação, não podiam afastar-se das suas freguesias e capelanias. Por isso, apenas uns sete puderam atender os fiéis no Santo Tribunal da Penitência. Entre eles estava um eclesiástico espanhol, o rev. D. Augusto Gamillo Simal, pároco de S. Julian de Lairo, da Diocese de Santiago de Compostela, na Galiza, que foi hóspede do Santuário.

Ao meio-dia, rezou-se o terço, como de costume, junto da capelinha das aparições. Em seguida, realizou-se a procissão com a Imagem de Nossa Senhora para o altar situado em frente da igreja da Penitenciaría. Ali celebrou a Missa dos doentes, que foi acompanhada a harmónio cantando todo o povo, o rev. P.º Arnaldo de Magalhães, S. J., antigo director espiritual do Seminário de Leiria, que, tão devoto do Santuário da Fátima, ali acorre sempre que lhe é possível para prestar com o maior zelo e dedicação os serviços do seu ministério. Foi esse venerando sacerdote que, no fim do santo sacrifício, deu a bênção eucarística a cada um dos doentes inscritos, que eram cerca de quarenta, e a todo o povo. Proferiu a homilia sobre o Evangelho do Domingo da Sexagésima o rev. cônego dr. José Galamba de Oliveira, professor no Seminário de Leiria, assistente diocesano da J. C. M. e director da «Voz do Domingo».

O Rev.º Vigário Geral, cônego dr. Manuel Marques dos Santos, fez as invocações habituais, advertindo o povo de que uma das intenções da Missa era pelo Santo Padre Pio XII, tão atribulado especialmente nesta ocasião, em que a guerra ruge às portas de Roma e da Cidade do Vaticano e espalha o luto e a desolação por toda a parte, e recomendando a oração pelo augusto Chefe da Cristandade.

Feita a última procissão de recondução da Imagem de Nossa Senhora para a capela das aparições, começou a multidão a dispersar-se. E foi sem dúvida com a saúde de sempre e com a alma cheia de santas e suaves consolações que os piedosos peregrinos regressaram às suas terras sob o olhar e as bênçãos maternais da excelsa Rainha do Céu.

ACÇÃO CATÓLICA

Carácter universal da caridade

A caridade faz ver Deus em todos os homens. Com razão, nota o Padre Plus que o Senhor tem sede de peregrinar constantemente pela terra. O seu nome de Emanuel — Deus connosco — parece ser o que melhor traduz esta amorosa peregrinação. Não se contentou com nascer no presépio; de nascer nas almas pela graça e, de maneira mais delicadamente perceptível, pela Eucaristia: quer ainda ocultar-se, em doce intimidade, na alma de cada pessoa.

O homem, de certo modo, apesar dos seus defeitos e fraquezas, assume assim proporções divinas. Por detrás da silhueta humana, atinge-se a realidade de Deus.

Na justa observação do mesmo Autor, com as luzes da fé, e por meio da caridade, realiza-se o termo duma progressão impressionante. Para os antigos, os que não pertenciam à grei, eram considerados estrangeiros ou adversários: homem, lobo do homem. Para certos filósofos, devia respeitar-se a pessoa do homem, pela sua dignidade racional: homem, natural *coisa sagrada*. Para o cristão, o homem reflexo vivo da divindade: homem, outro Cristo.

É ainda do Padre Plus este formoso comentário: Há mistérios mais impressionantes na religião cristã; todavia, nenhum deles é mais comovente do que esta cristificação, pela graça do Salvador, de cada um dos nossos irmãos.

Nesta acção cristificadora, está contido o carácter universal da caridade. O homem, sejam quais forem a sua acção, condição ou qualidades, é imagem e semelhança de Deus; à luz da fé, torna-se verdadeiramente nosso irmão no Senhor Jesus Cristo. Na palavra de S. Paulo, na Lei Nova «não há distinção entre judeu e grego, pois todos têm o mesmo Senhor».

Pela caridade, solidamente se estabelece a verdadeira fraternidade humana, que não despreza, nem odeia, nem mata, como sucede com certa fraternidade clamorosamente apregoada, mas antes aproxima, e ama, e se abnega, muitas vezes até com o sacrifício heróico da vida.

Deste modo se compreende a epopeia dos missionários, e dos sacerdotes, e de tantas outras almas superiores, fortemente impregnadas de espírito cristão.

Observa-se até que, por vezes, a caridade preceituada pelo Senhor parece levar ao abandono de Deus, pelo homem. Recordar-se a palavra de Jesus: Se estiveres junto do altar, para oferecer a tua oblata, e te recordares de que o teu irmão está magoado contigo, vai, deixa a oblata, reconcilia-te com ele, e só depois virás oferecer-lá.

Significa esta atitude abandono de Deus, por causa do homem? Quem poderá pensá-lo, sabendo-se que é preceito do Senhor?

Neste caso, abandona-se Deus, presente na acção ritual, pelo mesmo Deus, presente no próximo. No fim de contas encontra-se a Deus, de maneira mais perfeita.

Todos os associados da Acção Católica têm de abrir a alma à luz da caridade, que não conhece fronteiras, para viverem a vida clara e quente do Evangelho.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

Oremos pelo Papa!



Depois da devoção ao S.S.º Sacramento e a Nossa Senhora, vem na Fátima a devoção ao Santo Padre.

A Jacinta e os outros seus dois companheiros, videntes, dão-nos a lição admirável de uma entranhada devoção ao Vigário de Cristo e Chefe visível da Igreja.

Por Ele faziam orações e sacrifícios e entre as grandes aspirações da sua alma estava a de ver o Sumo Pontífice.

Na vida da Jacinta refere-se a profética visão das tribulações, perseguições e sofrimentos que viriam a cair sobre o Padre Santo. «Coitadinho do Santo Padre!» repetia muita vez com dó a pequena Jacinta.

Chegou a hora dos mais atrozes sofrimentos.

Como filhos dedicados e amantes elevemos nesta hora ao Céu as nossas preces pelo Padre Santo. Peçamos a Deus que o conserve e avivente e o livre do poder dos seus inimigos.

Todos os dias, mas sobretudo nos dias 3 e 12 de Março aniversários da sua eleição e coroação.

A Voz da Fátima apresenta a Sua Santidade o Papa Pio XII as suas filiais saudações.

Visconde do Monteale

O GRANDE SACRAMENTO

O sacramento do Matrimónio é tida pela lei de semelhança que aproxima e une os dois esposos

É uma honra porque é o próprio Deus que consagra o amor. A mulher é a auxiliar semelhante aos esposos elevando a sua união a uma altura sobrenatural e divina pela dignidade dum sacramento.

É uma bênção porque Deus não visita uma alma ou um lar sem sobre eles derramar graças abundantes.

Foi Deus que instituiu o casamento e que celebrou o dos nossos primeiros pais sob as palmeiras do Eden. Depois de ter criado Adão, disse o Senhor: «Não é bom que o homem esteja só. Façamos-lhe uma auxiliar — adjutorium — semelhante a elle». Então criou Eva e apresentou-a ao primeiro homem. Adão, ao vê-la, exclamou movido de inspiração divina, como legislador da sua raça: «Eis o osso do meu osso e a carne da minha carne. Por isso o homem abandonará seu pai e sua mãe para se ligar a sua esposa e serão dois numa só carne».

Então o Senhor abençoou a sua união e ofereceu-lhes como dote de casamento as flores, os frutos e todas as riquezas da criação.

E através dos séculos, Deus continua a ser o autor de todos os casamentos: — é Ele que inclina um para o outro os corações dos jovens; é Ele que faz desabrochar nessas corações o sentimento doce e forte, que deve embellezar a sua vida; é Ele que faz do amor de ambos um caminho perfumado e florido que os leva ao altar; é Ele finalmente que lhes dá a consagração suprema aos pés do Tabernáculo.

«O homem diz S. Paulo, unirse-a a sua esposa e serão dois numa só carne». Eis a lei fundamental do casamento, lei de unidade, de indissolubilidade e de dedicação recíproca. E esta lei é garan-

te ao homem, mas semelhante não quer dizer igual. Cada um dos esposos conserva a sua personalidade própria, as suas qualidades e virtudes pelas quais ambos se completam.

Na Sagrada Escritura vamos encontrar uma outra definição que se refere a outra união, a união eucarística e que podemos também de certo modo aplicar à do matrimónio.

Diz-se que os primeiros cristãos, unidos pelos ágapes divinos, formavam um só coração e uma só alma — «cor unum et anima una». Ora não será esta também a definição moral mais graciosa e mais profunda do matrimónio cristão? — Uma só carne, um só coração e uma só alma — triplíce unidade pela qual a mulher se assemelha ao homem e que constitui a lei de semelhança querida por Deus.

O esposo é o guia, o protector, o grande, amigo da esposa. Ela, por sua vez, é a confidente, a conselheira, a consoladora, a enfermeira do esposo, o anjo da guarda do lar. O homem é o chefe, mas a mulher não é a escrava como nos velhos tempos do paganismo tão combatido pelo Evangelho. Ele é o rei e ela a rainha; elle a cabeça, ella o coração.

Mas a semelhança que põe remate à unidade dos esposos e que é ao mesmo tempo a melhor garantia das outras, é a unidade da fé — a da vida religiosa.

Unidos pelo mesmo amor de Deus, pelas mesmas esperanças de imortalidade, olhos fixos no mesmo Pai celeste, no mesmo Cristo, sobem de mãos dadas os mesmos Taboares e os mesmos Calvários esperando entrar no mesmo Céu.

Com a morte de Mons. Augusto Ferreira perdeu o país um dos mais ilustres colaboradores da história da Igreja em Portugal. Ficou a rubricar os seus livros um nome que o clero, designadamente, deve citar com orgulho e veneração. Mais conhecido de que o Abade de Tagilde, Oliveira Guimarães, tão douto como modesto, a batina eclesiástica não o impediu de entrar na Academia das ciências e de ter voz nas sessões de alta cultura.

Mons. Augusto Ferreira não se limitou a investigar o passado com interesse, devoção, probidade e discernimento. Por vocação e temperamento, deu-se-lhe com amor e abandono em horas e horas, intermináveis, que na sua longa existência, foram por certo as mais luminosas e breves. Ouvia o rumor dos acontecimentos e sentia o arfar dos homens que nêles intervieram. O passado era o seu tempo.

Não contraiu aquela incurável melancolia de que se queixava Michelet por ter passado e repassado vezes sem conta o turvo rio dos mortos. Mas via-se bem que o gesto, a voz e o olhar de Mons. Augusto Ferreira vinham por vezes de muito longe — dos seus estudos, das suas pesquisas, das suas meditações, do seu mundo.

Sob este aspecto tinha muitos traços de semelhança com o Dr. Pedro Augusto Ferreira, antigo abade de Miragaia, que andou também muito pelos tempos idos, para nos dar copiosas informações que, infelizmente, não soube joear com senso crítico. Narrador tão caloroso e infatigável de velhas coisas, que chegava a dar a impressão de que as pessoas e coisas do nosso tempo já não existiam para elle.

É o caso de se dizer com Pasteur, felizes os que têm um nobre ideal

dentro da alma e lhe são fiéis pela vida fora.

Mons. Augusto Ferreira trabalhava um dia com o costumado afino na biblioteca pública do Porto, quando começou a tumultuar pela cidade mais uma revolução. Foi o último a dar por isso, finda a hora regular. Havia lá nada que o distraísse de precisar um facto ou aclarar uma data!

Quando saiu da biblioteca, sabe Deus com que saúde, viu-se em sérios embaraços para se pôr a salvo com os seus livros e os seus apontamentos. As revoluções são sempre contra o passado... Mas para além da Boavista, a caminho de Vila do Conde, os tumultos, os perigos a que se expusera, os campos e as bouças da Maia já não existiam para elle. Era outra vez do passado.

Mons. Augusto Ferreira foi prior de Vila do Conde, onde, escreveu os seus primeiros livros e promoveu a restauração da igreja paroquial, de tipo acentuadamente manuelino como as igrejas de Caminha e Azurara. Fichou nas três povoações marítimas este índice da importância que tiveram no século XVI.

A necessidade da restauração fazia-se sentir vivamente numa terra como Vila do Conde, que é, ao mesmo tempo, tão linda e tão visitada. Até o mar a pedir, para ter o sabor antigo a bênção aquietadora e perene que a igreja continua a ser para elle...

Pois bem; Mons. Augusto Ferreira levou a restauração por diante com devoção religiosa e provado senso artístico, conseguindo restituir às velhas pedras sagradas a pureza e a graça primitivas.

Foi certamente uma das suas obras mais belas esta obra de restauro que o tornou benemérito de Vila do Conde e da classe paro-

quial. — Moderniza ou deixa abaxo! era então a palavra de ordem... Do restauro da igreja derivou para a história, como se sentisse uma afinidade poderosa e irresistível entre as velhas pedras sagradas e os códices e os pergaminhos. A beleza encaminhou-o mais uma vez para a verdade de que é o esplendor fecundo e inspirativo...

Entre os seus livros quero fazer uma referência especial às Memórias arqueológicas e históricas da cidade do Porto em que refundiu com largueza, método e informação copiosa e séria o Catálogo dos Bispos desta diocese elaborado por D. Rodrigo da Cunha, que para o seu tempo, tinha realmente pulso de historiador. A obra que começa com o registo da primeira data histórica do Bispado finda no episcopado de D. António Barbosa Leão.

Herculano, que investiga com uma serenidade, que freqüentemente perde como narrador, é injusto para com os Bispos que intervieram na contenda com a coroa durante a primeira dinastia. Julga-os, em plena idade-média, com a sua ideologia liberal e regalista.

Mons. Augusto Ferreira não segue incondicionalmente Herculano, contém-se, muito lembrado do que deve à verdade e a si próprio. Mas os Bispos são maiores do que elle os representa. Sofrerem pelo direito os inclemências da força fá-las reviver na admiração da história.

As obras de Mons. Augusto Ferreira, designadamente os Fastos da Igreja de Braga, abalisan um historiador notável, da família de António Brandão e D. António Caetano de Sousa.

Dizem que o entéro de Mons. Augusto Ferreira, cônego mestre-escola da Sé primacial de Braga, foi escassamente concorrido. É natural.

Os mortos não têm amigos, como dizia amargamente Vieira. Ainda mais do que os velhos, que andam sempre a perdê-los, direi eu também por minha vez.

Mas há muito tempo que não se realizou em Braga um entéro com tantas luzes, e destas que se não apogam.

Correio Pinto

O EMINENTE ASTROLOGO, o Jesuíta espanhol Padre Puig, anuncia uma ascensão definitiva à estratosfera, para depois da guerra

O P. Puig, Jesuíta espanhol, astrólogo dos mais notáveis da nossa época e de novo Director do Observatório do Ebro, donde a revolução bolchevista o expulsou em 1936, realizou há dias em Madrid uma conferência notável em que fez sensacionais revelações sobre uma próxima futura ascensão à estratosfera.

Há só uma maneira, na opinião do sábio Jesuíta, para realizar essa operação com resultados científicos definitivos.

E fazê-la, elevando até ella um laboratório completo de física, sob a direcção de tripulantes técnicos que saibam aproveitar todo o rendimento dos aparelhos do mesmo laboratório.

«A interessante idéa do P. Puig será, porém, viável?»

Eis como elle expõe, na referida conferência os seus planos que passaram já do campo do estudo para

o da execução preparatória: «Uma tal ascensão supõe, disse o P. Puig, a construção de um globo de colossais dimensões com uma cabina de metal muito leve e resistente onde vão instalados os investigadores com todo o material de estudo.

Esse globo terá a altura de 80 metros e a capacidade de 130.000 metros cúbicos, o que exigirá uma extensão de tela própria com 120.000 metros quadrados.

«Um sonho? Não.

Os preparativos estão já adiantados na Argentina, sob a minha direcção e do Professor Piccard.

Simplesmente as circunstâncias da guerra não permitem agora conseguir a junção do material de estudo, que a Universidade de Bruxelas se comprometeu a fornecer.

Logo que a guerra finde, o projecto terá realização retumbante».

CALENDÁRIO DE NOSSA SENHORA DA FATIMA — 1944

A mais delicada recordação da Fátima. Excelente para brindes de catequese. Preço, 1\$00; pelo correio, 1\$30. Pedidos à Administração da revista «STELLA» — COVA DA IRIA — FATIMA.

Vai sair brevemente «O GAIATO» Dirigido pelo PADRE AMÉRICO Espera-se que os amigos das Casas do Gaiato, assinem e mandem listas de assinantes ao Redactor do jornal. Casa do Gaiato PAÇO-DE-SOUSA

LINDOS TERÇOS DE ALPACA Em estojo c/ imagem. Envia à cobrança 25\$00. M. E. Afonso — Sabrosa.

Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor JOÃO DA SILVA

LIQUIDAÇÃO!...

Total de Malhas e Fazendas lá!!

3 lotes casacos diversos, malha lá estambre, eram do dobro liquidam-se por esc. 115\$00, 82\$00 e ... 59\$00

Blusas lá peluche, c/bordados a cor liquidam-se por 96\$00

Pulover lá pura p.º homem, 2 faços liquidam-se por 72\$50 e ... 65\$00

Fantasia lá para vestidos saia e casaco liquidam-se por 28\$50, 16\$50 e ... 16\$00

Fazendas muito grossas p.º casaco liquidam-se por 49\$00 e ... 39\$50

Camisolas boa felpa p.º homem, 46\$00, 38\$50 e ... 27\$50

Meias sêda gase, m/finas s/defeitos 10\$50 e ... 8\$50

E muitas outras qualidades em liquidação!

Aproveitem! Isto dura pouco! Província e Ilhas, enviamos amostras e tudo contra reembolso.

A CÔMPETIDORA DAS MEIAS
R. Arco Marquês do Alegrete, 59-1.º Lisboa

Loxada própria — Próx. ao Rocio).

O ALMANAQUE DE NOSSA SENHORA DA FATIMA — 1944

é entre todos os que se editam em Portugal, o almanaque popular mais completo.

Dizem-no unanimemente os reverendos párocos inculcando-o aos seus paroquianos. Só se atendem os pedidos acompanhados da respectiva importância.

Preço, 1\$00; pelo correio, 1\$30. Pedidos à Administração da revista «STELLA» — COVA DA IRIA — FATIMA.



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original

TOPÁZIO

A venda nas ourivesarias.

GRAÇAS A candonga de Nossa Senhora da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

João Paulino, Abrantes, tendo sua mulher adoecido com uma pneumonia e sobrevida-lhe uma pleurisia, o seu estado de magreza era tão alarmante que o seu médico assistente mandou transportar para o Hospital a fim de tirar uma radiografia. Efectivamente o Raio X descobriu-lhe a tuberculose no pulmão direito. Foi dada por perdida, dizendo o médico ao pobre marido que se Deus lhe poderia salvar a mulher. Assim desenganados, logo voltaram para casa, pondo de parte as medicinas. Cheio de maior angústia pela expectativa de perder a esposa e ficar com cinco filhinhos menores, na orfandade o sr. João Paulino ajoelhou-se ante a imagem de Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe compaixão; e se fôsse da vontade de Deus, que lhe conservasse ao menos por algum tempo mais sua mulher. Nossa Senhora ouviu aquela prece aflitiva, e desde logo, com espanto dos mesmos médicos, a enferma principiou a melhorar, fazendo a sua vida doméstica normalmente. Cheio do maior reconhecimento já foram ao Santuário da Fátima cumprir as suas promessas e agradecer à Santíssima Virgem.

Artur Barata de Figueiredo, Troviscal, diz: «Maria Custódia Alves de Figueiredo, de dois anos, foi acometida dumã doença grave, avisando-me muitas vezes o médico, de que a criança sucumbiria fatalmente àquela enfermidade. Se a medicina era impotente, eu confiava que Nossa Senhora da Fátima faria o que os homens não podiam conseguir e, por isso, recorri com fé à Mãe tão bondosa da Fátima, prometendo publicar a graça. O despacho desta supplica não se fez demorar e a minha filha que está a concluir quatro anos, há quasi 20 meses que disfruta de excelente saúde, favor bem visível da intervenção de Nossa Senhora».

D. Maria da Ressurreição Paulo das Neves, Orjão, diz que, tendo sido operada em 23 de Junho de 1938, depois da operação, que foi a um tumor nas costas, o médico lhe declarou que tinha de ir para Lisboa a fim de se sujeitar a nova intervenção cirúrgica que não estava na sua competência ele fazer. Cheio de aflicção recorreu à Nossa Senhora, pedindo-lhe que a curasse sem nova operação o que efectivamente succedeu e por isso vem tornar pública a graça e o seu reconhecimento à Mãe de Deus.

João de Oliveira Mandim, Fomelos, Barcelos, havia três meses que vinha sofrendo de peritiniz doença que não cedia aos tratamentos clínicos. Desanimado ao ver-se abandonado pelos médicos, foi a sua igreja paroquial, e, de joelhos, diante duma imagem de Nossa Senhora da Fátima, pediu à Mãe do Céu que o curasse. Dentro em poucos dias, afirma, ficou completamente curado.

D. Maria Lucinda Barbosa Matos, S. Jerónimo do Real, Braga, diz: «Tendo eu dado uma forte queda de que me resultou a fractura de um tornozelo, recorri a Nossa Senhora do Rosário da Fátima, para que Ela me obtivesse a cura. Como me encontro curada peço a publicação desta graça».

D. Maria Teresa de Vasconcelos, Porto, diz: «Tendo um filho meu uma angina que não cedia aos medicamentos numerosos que o médico lhe receitava, comeci a dar-lhe lavagens à garganta com água da Fátima, e o

efeito não se fez esperar. O doente começou logo a melhorar, e, ao fim de três dias, estava bom. Peço a publicação desta graça para glória de Nossa Senhora da Fátima».

José Ferreira Pinto, S. Lázaro, Braga, foi acometido de paralisia geral durante três meses. Foi internado no Hospital de S. Marcos onde esteve três semanas. Ai o foi buscar sua mulher para que morresse em casa, pois, os médicos já lhe não davam muitas horas de vida. Tinha as costas cheias de chagas. Recebeu os últimos sacramentos. Quando assim se encontrava lembrou-se de pedir que lhe dessem água da Fátima. Fizeram-lhe a vontade. Principiou a tomar a água com muita fé na intervenção de Nossa Senhora e daí a pouco principiou a movimentar-se até ficar curado, com grande admiração de todos os que sabiam do seu estado desesperado. E com grande reconhecimento que vem tornar público tão grande favor da Mãe do Céu.

D. Maria Cândida Cardoso, Valpaços, sofrendo, havia muitos anos, da garganta, vários médicos lhe declararam que não mais se curaria. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima a quem fez uma novena, tomando durante ela todos os dias, água da Fátima, e obteve as melhoras que tanto desejava. Vem tornar pública a graça e a sua gratidão a Nossa Senhora.

D. Aida de Jesus Fiandeiro Silvério, Caldas da Rainha, diz: «Tive o meu filhinho muito doente. Principiou com o sarampo, seguiu-se a coqueluche e uma bronco-pneumonia. Os médicos e o enfermeiro que o tratavam supunham que ele não resistisse. Eu, sempre com uma grande fé em Nossa Senhora da Fátima, prometi, se o meu filho se salvasse, ir a pé das Caldas da Rainha a Fátima agradecer a Nossa Senhora a graça que pedira. Foi ouvida. Graças a Nossa Senhora, o meu filho está são e salvo».

Já fui a pé agradecer a Nossa Senhora no seu Santuário da Fátima, agora venho dar conhecimento de favor celeste para maior glória da Santíssima Virgem».

Agradecemos muitas graças obtidas por intermédio de Nossa Senhora da Fátima

D. Elvira Araújo Carolo, Lisboa.
D. M.ª Judite Monteiro Simões de Carvalho, Lisboa.

D. Hortense Gomes Borges, Viseu.
D. Irene da Conceição S. da Silva, Tomar.

D. Berta Leão Osório Amador, Castendo.

D. Fernanda Almeida Dias, Viseu.
Manuel Silveira Avila, Castelo Branco.

D. Maria Cármen Avila Ramos, Horta.
D. Ana do Carmo Pita, Evora.

D. Isaura do Coração de Jesus, S. Bartolomeu, Açores.
D. Maria Cândida S. Baptista, Guimarães.

Manuel Pereira dos Santos, Campanhã.
D. Maria Clara dos Santos, Penafiel.

João Manuel Fernandes, Vieira de Leiria.
D. Antónia Dias Sobral, Brasil, Sergipe.

D. Edith Soares F. Sobral, Brasil, Sergipe.
D. Isaura de Carvalho, Aveiro.

D. Maria Celeste Dias Belencourt, Praia da Vitória.
D. Aura Avelar C. Ribeiro de Medeiros, Pico, Açores.

D. Rosa Nogueira, Ribeirinha.
José Silveira da Rosa, Faial, Açores.

D. Cândida Augusta Correia Cardoso, Sabugal.
D. Guilhermina Maria Chaves das Neves, Coimbra.

Francisco Pereira, Madeira.
D. Mariana N. Ferreira Costa, Vila Nova de Gaia.

Laureano Coelho da Mota, Celorico de Basto.
D. Jovina Silva, Luanda.

D. Helena Valaão de Freitas, Ponta Delgada.
D. Maria Adelaide Garcia, J. O. C. F.

D. Carolina Alves Santiago, Paredes do Bairro.
D. Angelina e Luciano Augusto Rosa, Vila Real.

D. Inês Assis Pereira, Terceira, Açores.

Voz da Fátima

DESPEAS	
Transporte	2.426.556\$21
Papel, comp., imp. do n.º 257	24.755\$35
Franq. Emb. transporte do n.º 257	6.672\$42
Na Administração ...	330\$00
Total	2.458.313\$98
Donativos desde 15\$00	

Joaquim de Magalhães, Cabeceiras de Basto, 100\$00; D. Maria da Conceição Romão, Salvaterra do Extremo, 15\$00; D. Maria Rita Romão, ibidem, 15\$00; D. Adriana Varão Folgado, ibidem, 15\$00; D. Emilia Miranda, ibidem, 15\$00; D. Alice Magro Carreira, ibidem, 15\$; D. Catarina de Jesus Moreira, ibidem, 15\$00; D. Catarina Romão Catana, ibidem, 15\$00; P.º Manuel Ferreira Proença, ibidem, 20\$00; Prof. António Romão Azavedo, ibidem, 15\$00; D. Luisa Madalena, Lisboa, 20\$00; José Dias, Seminário dos Olivais, 15\$00; P.º Abílio Mendes, Barreiro, 150\$00; Luis Gomes Sambo, Benguela, 127\$50; D. Maria Leonor Bettencourt, Lisboa, 20\$00; D. Maria Cristina Rebelo de Andrade, Guarda, 20\$00; D. Maria Cardoso, Aljubarrota, 20\$00; D. Maria S. Meireles Barriga, Figueira da Foz, 20\$00; D. Angelina

Cabral Rosa, Leiria, 20\$00; D. Maria Augusta Fernandes, Vinhais, 30\$00; José Urbano de Andrade, Velas, 20\$00; D. Clotilde de Sá, Sintra, 15\$00; D. Amélia Martins, Lisboa, 20\$00; Francisca da Conceição Silva, Benavente, 20\$00; D. Ana Alves, Podence, 35\$00; Gonçalves Ramada, Cova da Iria, esc. 100\$00; Mons. Alves Martins, Moçambique, 563\$80; D. Maria das Neves V. Teotónio, Lisboa, 20\$00; João Carlos de Assis de Menezes Pereira de Mello, Estarreja, 40\$00; Manuel Domingues L. J.º, Arruda dos Vinhos, 20\$00; D. Maria Almeida, Lamas Orelhão, 20\$00; António Caetano, Moncorvo, 187\$20; D. Maria Amélia Maia, Crestuma, 50\$00; D. Florinda Campelo, Valongo, 30\$00; Condessa de Margaride, Margaride, 20\$00; D. Ana Costa, Porto, 15\$00; Porfírio Gonçalves, Lisboa, 15\$00; Viscondessa de S. Gão, Lisboa, 20\$00; D. Lucinda Guerra, Moncorvo, 20\$00; D. Maria Garrett, Castelo Branco, esc. 40\$00; João António de Almeida, Vale de Santarém, 20\$00; António Paulo da Cruz, Porto, 25\$00; P.º José Rei Barata, Pinhel, 20\$00; D. Abel Gonçalves de Freitas, Santos (Brasil), 1.400\$00; João Pereira de Carvalho, ibidem, 50\$00; José de Cábrega, ibidem, 50\$00; Manuel de Oliveira e vários assinantes, de New Bedford Mass, U. S. of América 462\$00.

Havia já para mais de um mês que a palavra até então desconhecida na aldeia circulava familiarmente quasi de boca em boca; haveria uns quinze dias que ela era, sem exagêro, o pesadelo atroz da Teresita do Joaquim da Tenda.

É certo que ninguém se atrevia, pelo menos abertamente, a pôr a boca naquilo que já fóra regedor e, para mais, presidente da Junta da Freguesia; a mulher era da Liga, a filha da Juventude e ele próprio nada tinha que se lhe apontar quanto ao cumprimento dos seus deveres religiosos. Mas Teresita, que pouco estacionava na loja, sentada a maior parte do dia à máquina de costura, assustava-se com o desaparecimento das mercadorias que muita vez entravam de noite sem que ela compreendesse essa necessidade e que muitas outras — não lhe podia infelizmente restar dúvida — saíam também, não já em carros, mas às costas de uns vultos desconhecidos na escuridão.

Lá estava ela agora, no seu posto de observação — a janellinha do seu quarto. Ouvira passos no quintal e, sem ter conseguido ainda adormecer, saltara da cama, embrulhara-se no challe e ali estava mais uma vez, de coração apertado, a certificar-se de que qualquer coisa de misterioso se passava em casa.

Tinha já abordado a mãe que lhe respondera:

— Não queiras saber de nada, faze como eu, cumpre os meus deveres e tenho a consciência tranqüilla.

Quanto ao pai, mal ela se referia ao assunto, carregara de tal modo o semblante que a deixara sem coragem de prosseguir, recosa de alguma alteração que acordasse os irmãos já deitados e lhes desse o triste exemplo de verem o pai irado, de lhe ouvirem Deus sabe que palavras.

Não querer saber de nada! Ah, não! ela não entendia assim nem assim tinha a consciência descansada. Não poderia, porém, aconselhar-se sem acusar o pai e isso repugnava-lhe invencivelmente.

Que fazer, então, que fazer?

Os dentes batiam-lhe de frio e de uma febre nervosa que a não largava. Tinha já oferecido a Deus a sua vida para que fosse poupada a sua casa, a sua familia, a vergonha de serem presos ou sequer multados como candongueiros — enxovalho que não poderia deixar de salpicar a «Liga» e a sua bem-amada «Juventude».

Quanto lhe custava ver e ouvir tantas vezes na loja mães suplicantes por um pózinho de açúcar para um pequenino, por uns baguinhos de arroz para um doente, por uma posta de bacalhau para homens que trabalhavam de sol a sol... E ela, a quem nada disso, mais ou menos, faltava, sem poder repartir como repartia do dinheiro que ganhava com a costura para fora!

Embebida nos seus pensamentos, um pouco ensurdecida pelo sangue que lhe zumbia nos ouvidos, não deu a principio conta de que os tais vultos dessa vez não eram tão absolutamente silenciosos.

A certa altura, porém, pareceu-lhe distinguir uma praga, a que se seguiu um murmúrio e logo uma surda alteração.

— Minha Mãe do Céu... valei-nos... pelas Chagas de vosso Divino Filho — implorava baixinho Teresita.

As vozes vinham da loja, que formava ângulo com o quarto e na qual não havia a mínima restea de luz. A noite estava de breu, contudo os olhos da rapariga, habituados à obscuridade, distinguiram a sombra dum homem que saiu carregado e outro que,

precipitadamente, lhe vinha embargar o passo, mesmo junto da janellita.

Era o pai — dizia-lho o coração sobressaltado mais do que se o luar rompesse nessa altura. E logo a sua voz:

— Não saís daqui sem me entregares o que já me debes, ladrão!

— Estou pronto a fazer as contas diante das autoridades, já lhe disse! — voltou o outro, escarvinho.

Uma luta corpo a corpo, o pesado sacco arremessado contra a vidraça que voou em estilhaços, um grito de Teresita que caiu para trás com o rosto banhado em sangue.

Nos lábios, no coração, de toda a sua alma, uma só prece:

— Que ninguém o saiba, meu Deus, que ninguém o saiba!

Paizinho...

— Filha... Rica filha da minha alma!

Falavam-se pela primeira vez desde o desastre. Ao ouvir o grito de Teresita, desvalrado, o Joaquim da Tenda não quisera saber mais de candonga nem de candongueiros, tendo-se estegado livremente.

Ao chegar ao quarto da filha ao mesmo tempo que a mulher, despertada em sobressalto, e vendo-a naquele estado e sem sentidos, correu a atrelar o cavallo à «charrette» e abalara a levá-la ao hospital da cidade que ainda lhe ficava a perto de três léguas.

Com lágrimas e súplicas que enterneciam o pessoal do Banco embora já calejado pelo officio, o Joaquim da Tenda ali deixara a sua estremeçada Teresita e, sem bem saber como, fóra dar consigo à capela do hospital.

Estava deserta à excepção de um dos cantos onde rezavam duas Irmãs. Aquêl ambiente de paz e oração secou as lágrimas ao atribulado pai como o sol bebe o orvalho numa manhã de primavera. E o exame de consciência, espontâneo e sincero, começou...

Se nunca lhe tinha faltado o pão ganho honradamente, porque meter-se então em negócios ilícitos, em transacções que não podia lançar na sua escrita tal qual as fizera? Que tentação fóra aquela a que se deixara arrastar, procedendo como os outros?... De se aproveitar da occasião, que era azada como nenhuma?

Os outros?... Mas uns tinham já, de todos os seus tempos, fama pouco limpa; outros bem se sabia que entravam pela pinga e, daí, coisa boa não se pode esperar; mas êle, êle que toda a gente considerava e que fazia alarde das suas práticas de religião... Com que direito prejudicar assim os pobres e mesmo os remediados a quem certos gêneros faziam a maior falta, com que direito enxovalhar a mulher e os filhos, a religião que praticavam, as associações a que pertenciam?...

Como a filha, ansiosa junto da janella, também êle não teria desejo mais ardente do que este: que ninguém soubesse.

E se Teresita ficasse cega?! Ou muito defeituosa?!

Com as lágrimas outra vez em flo, fez um solene acto de contrição e, mais tranqüillo e confiante, voltou para o Banco.

Teresita com a cabeça e parte do rosto ligados, vinha em procura dêle, sentindo-se com forças para regressar a casa.

E nas expressões que ambos trocaram e no abraço carinhoso que se deram ficaram firmadas para sempre as boas intenções do Joaquim da Tenda.

M. de P.

CONVERSANDO

A parte da propriedade agrária no volume universal das riquezas

Continua a dar-se largas ao pensamento sobre o que virá a ser a ordem no mundo após a guerra; parecem mais ou menos concordes as opiniões em repetir que, suceda o que suceder, não poderá já, de futuro, deixar de haver um mínimo de subsistência para todo o homem trazido à vida.

Entrou-se na guerra, como vimos, declaradamente pela necessidade da apropriação de novas condições sociais de existência física ou, como é já corrente dizer-se, de novos espaços económicos, por mal ajustados os que até aqui se tinham.

Também já tivemos ensejo de referir que um dos caminhos que se nos mostram mais ou menos marcados para este fim é o da reorganização e desenvolvimento da propriedade agrária, não por simples reforma, mas por um regime de profunda autonomia em face das outras espécies de propriedade de que é incontestável base, pois é dela que principalmente vem à humanidade o pão de cada dia.

Mas que factos e circunstâncias terão actuado para que, depois de decorridos tantos séculos de civilização cristã, só em nossos dias se chegasse a apontar, como certos, os primeiros traços de tão árduo como complexo caminho?

Convém lembrar tais factos e circunstâncias, pois que da sua consideração descera luz para compreender o alcance da grande crise cuja solução ansiosamente se prepara.

O declínio da propriedade agrária, como forma basilar da ordem social, como já foi notado, começou, a partir dos meados do século XVIII, com o aparecimento de novas espécies de propriedade criadas pelas aplicações do vapor e da electricidade em variadas formas mecânicas e em todos os sectores da actividade humana.

Quasi a par, surgiram, pela evolução do direito, os títulos de crédito que, revestindo formas materiais de domínio autónomo na circulação, se tornaram poderosos elementos de propriedade, podendo representar todas as espécies de riqueza e com uma mobilidade tal que, por eles, se transferem e se escapam, em momentos dum extremo a outro do globo, os valores económicos, qualquer que seja o seu montante ou a sua qualidade.

Nunca se viu volume tão grande de propriedades, além da propriedade agrária. Olhe-se para o que aí vai em viação ferroviária, aérea, automobilística, transatlântica. Atente-se no que são as minas com a infinidade de matérias primas que fornecem e as fábricas na rapidez dos produtos que transformam. Considerem-se ainda os próprios títulos de crédito na movimentação da vida social: notas de banco, acções, obrigações, letras, cheques... E os estabelecimentos que, para os realizar, foi necessário pôr a funcionar desde os bancos especiais aos bancos centrais e desde as caixas económicas aos armazéns gerais? — Passam e deslocam-se, aí, em instantes, com uma simples ordem telegráfica, fortunas de montantes astronómicos!

Tendo isto bem considerado, fica-se compreendendo que a propriedade agrária decaísse, pois ao passo que a sua produção é mais lenta por subordinada às estações do ano, a sua exploração mais vista para alvo de encargos e ameaças, e os seus réditos menos multiplicáveis por força do ritmo directo da natureza, — a produção do espantoso mundo,

que por aí vemos, de propriedades industriais, comerciais, bancárias e tantíssimas outras formas, ao inverso, é duma rapidez sempre crescente por sucessivos inventos, dando em horas o que em outros tempos só em anos se conseguia; a sua exploração é em quadros menos extensos para a vista e de valores que facilmente se disfarçam; os seus réditos multiplicam-se em formidáveis proporções que permitem pagar altos salários e gratificações que, só por si, seriam fortunas para lavradores; sobretudo, não chegando as subsistências, no ritmo actualmente produzido, para as populações rurais e para as classes mais humildes de todos os sectores, evidentemente que os preços oferecidos pelos representantes destas espécies de propriedades podem ir, como o leão da fábula, até tomar na partilha o maior quinhão. E assim, de facto, tem acontecido.

Nestas condições a propriedade agrária não pode continuar confundida, sendo desigual em função social e em limites naturais de liberdade, com as outras espécies de propriedade. É fundamental para a vida de todos.

Eis porque o caminho do restabelecimento da ordem social no mundo tem de ser pela reorganização dum forte e seguro regime de propriedade agrária com vincada autonomia em face das outras espécies de propriedade, tendo principalmente em vista o aumento do volume das subsistências pelos estímulos e garantias da sua produção e as possibilidades de acesso, na sua distribuição, a todos os elementos da população.

18 fev.

A. LINO NETTO

CRÓNICA FINANCEIRA

Esta guerra tem trazido muitas novidades e grandes surpresas e é natural que ainda traga muitas mais, mas de todas, a que nos parece mais importante e de mais peso no futuro, é ter acabado com a distinção entre população combatente e não combatente. Nesta guerra todos combatem e todos estão sujeitos aos mesmos perigos. De certo modo até houve inversão de papéis e posições, porque dantes, quem mais arriscado estava em tempo de guerra, eram os militares que eram os que iam para o campo e a faziam, com todos os perigos. Agora é às avessas. Para estar sujeito aos perigos, não é preciso ir para a guerra, porque a guerra se encarrega de ir ter com o cidadão a sua própria casa. E como assim é em toda a parte, o militar está mais defendido do que o civil quanto aos riscos da guerra.

Mas há mais. Dantes era nas grandes cidades, valentemente fortificadas, que os cidadãos achavam mais seguro refúgio. Hoje é, pelo contrário, nas grandes cidades que se correm os maiores riscos. Quanto maior e mais opulenta for uma cidade, maior perigo corre de lhe não ficar pedra sobre pedra.

Dantes, o número de cidadãos seriamente afectados por uma guerra na sua pessoa, na sua família ou na sua fortuna, era ínfimo em relação à massa populacional. Hoje todos são fortemente atingidos na sua fortuna, na sua família e até na sua pessoa, pela dureza das hostilidades levadas a cabo com o diabólico poder das armas modernas. Esta é que nos parece a grande novidade, rica de conseqüências, desta tremenda

O doutor Américo Pires de Lima, Director da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, com este título, acaba de publicar um livrinho, de onde vou extrair algumas noções, que me proponho divulgar no artigo de hoje. Os micróbios causadores de tantas doenças, são seres vivos tão pequenos que só podem ser vistos através de poderosos vidros de aumento, que constituem os instrumentos chamados microscópios. Tão pequenos eles são que, às vezes, são precisos nada menos de mil micróbios para encher o comprimento de um milímetro.

Alguns deles são animais pequeníssimos (protozoários) e outros são plantas, miúditíssimos tortulinhos denominados bactérias.

Desde há séculos que se suspeitava serem os micróbios causadores de muitas doenças, mas tal hipótese só foi demonstrada, há pouco mais de cem anos, pelo grande sábio Pasteur.

Muitas são as doenças contagiosas dos homens e dos animais que são produzidas por micróbios.

Um dos primeiros a ser estudado foi o do carbúnculo grave doença que afecta os carneiros e outros animais e que pode transmitir-se ao homem.

Pouco a pouco, foram descobertos os micróbios de muitas moléstias, como o da tuberculose, o da cólera, o da febre tifóide, o da pneumonia, o da erisipela, e das infecções das parturientes, o da peste, o do tétano, o do garrotinho, o da lopa, o dos furúnculos e antraxes, os quais todos pertencem ao reino vegetal, o da sífilis, que é um protozoário, etc.

Desta última categoria são também os micróbios das sezões, da doença do sono.

O número de espécies microbianas é extraordinariamente grande; mas, felizmente, a maior parte delas é inofensiva.

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª série)

XLII

MICRÓBIOS

Por toda a parte existem micróbios: na terra, na água, no ar, nos alimentos, e até na nossa boca, nos nossos intestinos e na nossa pele. Entrando dentro do nosso corpo, os micróbios patogénicos produzem uns venenos chamados toxinas, que nos fazem adoecer.

Felizmente, o nosso organismo pode defender-se, muitas vezes, destruindo tais venenos; e essa defesa pode ser reforçada pelos médicos com uns remédios chamados soros e vacinas.

Como conseguem entrar no nosso corpo os micróbios? A pele protege-nos contra a sua agressão.

Mas, às vezes, basta uma picada ou uma arranhadura para que eles entrem.

Qualquer lesão da pele deve, pois, ser desinfectada com álcool ou tinctura de iodo.

A água pode ter o micróbio da febre tifóide ou da cólera; deve pois ser fervida a água que devemos beber, em tempo de epidemias.

O leite de vaca pode ser inquinado pelo bacilo da tuberculose ou por micróbios causadores das enterites das crianças. Ferva-se, pois, o leite de vaca, se as crianças não tiverem a felicidade de ser amamentadas pela mãe.

A terra pode ter o micróbio do tétano e bactérias causadoras de supurações.

Ninguém deve, pois, andar descalço, pois qualquer feridinha de um pé conspurcada pela terra pode acarretar graves doenças.

Pela boca e pelo nariz, com o ar que se respira, podem entrar micróbios da tuberculose, da pneumonia e da gripe, doenças que podem transmitir-se de pessoa a pessoa. É conveniente respirar sempre pelo nariz e ter a boca fechada, pois o nariz muito concorre para a nossa defesa contra tais doenças.

Além desses meios de transmissão de micróbios, ainda há outros. Muitos insectos podem pegar-nos doenças: a mosca vulgar é tão porca que poisa nas coisas mais imundas, de onde arrasta nas patas inúmeros micróbios que vai depor na nossa cara, nas nossas mãos, no pão e outros alimentos que comemos. Guerra de exterminio, portanto, às moscas! Certos mosquitos sugam o sangue a indivíduos que podem ter sezões ou febre amarela e, depois, picando em pessoas sãs, fazem-nos adoecer também. Está demonstrado que as pulgas transmitem a peste dos ratos para a gente, que certa mosca africana transmite por picada a doença do sono, que certa casta de piolho transmite o micróbio do tifo exantemático.

Toda essa raça daninha de insectos deve ser destruída tanto quanto possível.

Nem todos os micróbios são nocivos. Pelo contrário, muitos deles são utilíssimos à humanidade, por tornarem férteis as terras de lavoura.

O conhecimento das bactérias patogénicas prestou grandes serviços, porque levou os médicos a fazerem descobertas de valor incalculável no campo da medicina preventiva. É certo, diz o autor do livrinho, que citei no começo deste artigo, é certo que as doenças microbianas ainda produzem estragos terríveis; mas pode afirmar-se que esses estragos podiam ser reduzidos em proporções enormes, se os ensinamentos da ciência fossem bastante conhecidos e integralmente obedecidos.

J. A. Pires de Lima

NOVIDADES são um jornal moderno, de larga informação e de segura doutrinação católica.

Pacheco de Amorim

UMA OBRA importante

O homem não é só matéria. A dar vida e energia ao corpo há uma alma imortal a cujos interesses e felicidade devem ser subordinados todos os interesses e cuidados humanos. Daqui a obrigação grave de fazer o balanço das actividades exercidas e dos resultados obtidos; de rever cuidadosamente os planos utilizados ou a utilizar nos negócios espirituais e no serviço de Deus, da Igreja e das almas.

Dois coisas se devem ter em vista: melhorar a organização e a vida individual; conquistar novos elementos.

Concretizando, recordo os Cruzados de Fátima, organização católica portuguesa de um alcance tão vasto e de tamanha simplicidade na sua orgânica.

Dos seus frutos todos podem beneficiar. Todos podem trabalhar dentro da sua organização.

Os Prelados portugueses repetidas vezes a têm recomendado. De-sejam vê-la florescente em todas as freguesias das suas dioceses e que seja tida por todos os seus diocesanos, clero e fiéis como a principal organização auxiliar da Acção Católica Portuguesa a que se deve dispensar o maior carinho.

Também os Cruzados, chefes de Trezena, Delegados Paroquiais e membros da A. C. devem examinar-se e considerar como, durante o ano passado, cumpriram os seus deveres, não só para proveito próprio, mas também em proveito dos Cruzados vivos e falecidos e da organização em si, sobre se foram membros activos e exemplares auxiliares dos Rev.ºs Párocos na organização e desenvolvimento dos Cruzados nas suas freguesias.

Há muitas freguesias onde os Cruzados nem sequer são conhecidos, outras onde floresceram e morreram ou estão a morrer e outras onde, embora os Cruzados, graças ao zeloso Pároco e activos paroquianos, vivem e trabalham intensamente, muito contudo têm ainda a fazer.

O propósito firme de todo o bom Cruzado deve ser: não chegar ao fim deste ano sem passar a Chefe de Trezena.

Para isso tratar já de organizar uma Trezena de Cruzados vivos, ou defuntos, ou mista. Este deve ser também o propósito de todo o português que se interesse pelo engrandecimento da nossa querida Pátria.

P. P.

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA»

NO MÊS DE FEVEREIRO

Algarve	8.249
Angro	21.064
Aveiro	9.358
Beja	6.582
Braga	82.024
Bragança	13.362
Coimbra	14.954
Évora	4.992
Funchal	13.965
Guarda	17.610
Leiria	11.284
Lisboa	14.870
Lisboa	15.139
Portalegre	14.139
Porto	53.769
Vila Real	24.958
Viseu	10.927
	337.246
Estrangeiro	3.867
Diversos	12.287
	353.400

Este número foi visado pela Censura